



ANA MARIA CAMPOS
anacampos.df@dabr.com.br

Flávia deixa governo e agora vai enfrentar adversários abertos



A deputada Flávia Arruda (PL-DF) deixou ontem o cargo de ministra-chefe da Secretaria de Governo da Presidência da República para se dedicar à campanha ao Senado. Foi quase um ano com muitos bombardeios e fogo amigo, com condutas machistas e intrigas. Muitos militares do Palácio do Planalto viam com desconfiança a atuação da política jovem e bonita novata na administração pública. Nos três anos e três meses de mandato até agora, Flávia foi a primeira deputada a presidir a Comissão Mista do Orçamento e nunca uma mulher havia assumido a secretaria de Governo da Presidência da República. A disputa ao Senado, com uma vaga, vai ser dura. Agora, os bombardeios serão de adversários de Bolsonaro que vão cobrar explicações pelo negacionismo na pandemia e defesas à ditadura militar. Mas, se passar por essa prova, Flávia chegará em 2026 como candidata ao Palácio do Buriti.

Orgulho do desempenho

O ex-governador José Roberto Arruda disse à coluna que está disposto a ajudar a mulher, Flávia Arruda, na corrida ao Senado. “Vou ajudar, mas agora ela tem mais musculatura, tem imagem própria”, disse. E acrescentou: “Posso ficar mais nos bastidores e cuidando das meninas (filhas). Mas ajudando sim e com muito orgulho pelo desempenho dela”.

Marcelo Ferreira/CB/D.A. Press



Dameres escolhe o DF para domicílio eleitoral

Dameres Alves escolheu o Distrito Federal como domicílio eleitoral. A dúvida persistiu até ontem quando veio a decisão. O cargo a ser disputado, no entanto, ainda depende de arranjos políticos. Se concorrer ao Senado, Dameres atrapalha a candidatura de Flávia Arruda, que quer os votos bolsonaristas. Se o caminho for a Câmara dos Deputados, a ex-ministra da Mulher, Direitos Humanos e Família tira votos da deputada Bia Kicis (PL-DF), ou mais ainda dos candidatos republicanos com base evangélica, o deputado Júlio César Ribeiro e Gilvan Máximo, ex-secretário de Ciência, Tecnologia e Inovação. De qualquer forma, o prazo final para mudanças de domicílio termina em 4 de maio.

Fabrice Corfimi/APP



Presidente do Sinpol vai com Podemos

O presidente do Sindicato dos Policiais Civis do DF (Sinpol-DF), Alex Galvão, acertou ontem a filiação ao Podemos. Ele é pré-candidato a deputado distrital. No Podemos, ele deverá integrar o grupo liderado pelo senador José Antônio Reguffe (União Brasil-DF). “Alex Galvão poderá fazer uma dobradinha com o General Paulo Chagas, pré-candidato do Podemos a deputado federal”, afirma Luiz Pitiman, secretário-geral do Podemos-DF.

ED ALVES/CB/D.A. Press



Ed Alves/CB/D.A. Press

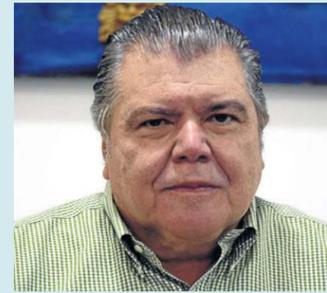


Comandante da PMDF aceita convite para disputar a eleição

Convidado a entrar na política para disputar a eleição, o comandante-geral da Polícia Militar do DF, coronel Márcio Vasconcelos, decidiu aceitar o convite para concorrer a mandato de deputado federal. Para isso, vai deixar o cargo e se filiar ao MDB. A candidatura do militar acaba trombando com a de um adversário de Ibaneis, o ex-deputado Alberto Fraga (PL), que tem base eleitoral entre policiais militares, e quer retornar ao Congresso.

Sarney Filho fica

O secretário de Meio Ambiente do DF, Sarney Filho, não vai se desincompatibilizar para concorrer nas próximas eleições. Ele pretende ficar até o último dia do governo Ibaneis. Na família, a irmã, Roseana Sarney, é quem vai se candidatar a deputada federal no Maranhão.



Marcelo Ferreira/CB/D.A. Press

ED ALVES/CB/D.A. Press



Arthur Menescal/Esp. CB/D.A. Press



Corrida de aliados

O grande adversário de Rodrigo Rollemberg (PSB-DF) nesta eleição é o aliado Professor Israel Batista. O deputado federal que busca a reeleição troca o PV pelo PSB. Precisa de Rollemberg para formar o coeficiente eleitoral. A recíproca é verdadeira. Quem tiver mais votos será deputado federal. A aposta interna é de que os dois serão eleitos, mas a briga para federal será árdua.

Liberdade religiosa

Ex-chefe da Casa Civil de Ibaneis Rocha, o advogado Valdetário Monteiro tomou posse como presidente da Comissão Nacional de Liberdade Religiosa da OAB. O cargo foi criado por portaria do presidente do Conselho Federal da Ordem, Beto Simonetti. Na posse, Valdetário afirmou: “Vem do ensinamento dos grandes constitucionalistas que há necessidade de existência da plena liberdade religiosa para que haja a plena liberdade civil e política. Assim como, em contrapartida, onde falta à liberdade institucional, fica comprometida ou ameaçada a liberdade religiosa”.



Carlos Vieira/CB/D.A. Press

TCDF completa 2 anos de sessões virtuais

O Tribunal de Contas do DF completa hoje dois anos de implantação das sessões plenárias virtuais. Iniciadas no começo da pandemia, as sessões por videoconferência passaram a ser transmitidas ao vivo pelo YouTube, onde ficam disponíveis para qualquer cidadão. Nesse período, o TCDF julgou virtualmente mais de 11 mil processos — dos quais cerca de 6 mil foram destacados para debate pelos Conselheiros — em 90 sessões ordinárias e 68 administrativas. Também foram realizadas duas sessões especiais para apreciação das Contas do Governo do DF, referentes aos exercícios de 2019 e 2020.

Acompanhe a cobertura da política local com @anacampos_cb

» Entrevista | FABIANA DAMÁSIO | DIRETORA DA FIOCRUZ BRASÍLIA

Pesquisadora destaca pontos prejudiciais da pandemia e a luta para transmitir informações cientificamente comprovadas

Impactos significativos da pandemia

» PAULO MARTINS*

Diretora da filial do Distrito Federal de um dos institutos mais envolvidos no combate direto à pandemia, Fabiana Damásio destacou as desigualdades trazidas pela pandemia da covid-19 em

entrevista concedida à jornalista Carmem Souza, na edição de ontem do CB.Saúde — parceria do Correio Braziliense com a TV Brasília. “Vejo a necessidade de seguirmos desenvolvendo uma série de atividades a médio e longo prazo, porque os impactos foram muito significativos”, comenta.

Como a pandemia intensificou as desigualdades?

Desde o primeiro momento da pandemia, as desigualdades sociais históricas presentes no Brasil foram agravadas em função da necessidade de a enfrentarmos coletivamente. Hoje, dois anos depois, temos 20 milhões de brasileiros em situação de fome e metade da população em situação de insegurança alimentar. Há, ainda, informação que diz respeito ao desemprego e aponta que também há um aumento. A gente precisa buscar estratégias para garantir a equidade no acesso ao cuidado. No início da pandemia, muitas medidas foram adotadas para garantir isso. Foi necessário estruturar uma rede coletiva para seguir enfrentando todas essas dificuldades.

É evidente a quantidade de pessoas que estão na rua. Na realidade do DF, como lidar com

esse fenômeno para que essas pessoas saiam da pandemia numa condição mais saudável?

Vejo a necessidade de seguirmos desenvolvendo uma série de atividades ainda, a médio e longo prazo, porque os impactos foram muito significativos. Olhando para a realidade do DF, existe uma série de esforços e a ação intersetorial foi o que contribuiu para promover o acolhimento à população em situação de rua. Vemos um aumento considerável de famílias que ficaram em situação de rua em função da perda do emprego e de não conseguirem pagar suas contas e se organizar ali, na sua integralidade. Famílias inteiras estão presentes na rua. É importante que a gente cuide de estratégias dentro do sistema de saúde pública junto com o sistema de desenvolvimento social e com a sociedade civil. Vejo que será uma agenda

permanente. Ainda estamos enfrentando a pandemia e precisamos estar com o olhar atento às suas consequências no DF.

Sobre as fake news: como elas afetaram a Fiocruz? Como fazem efeito na saúde mental das pessoas? Como relacionar a comunicação em saúde pensando em ameaças sanitárias e futuras pandemias?

Nos colocamos, desde o primeiro momento, vigilantes em relação à busca corretas do conhecimento científico e de dados, para seguir combatendo as fake news. Essa foi uma tarefa muito intensa durante a pandemia, porque precisava ser feita em tempo real, baseada nos dados e no conhecimento, para que pudesse chegar a toda população de forma fidedigna.

No campo da saúde mental, dependendo do tipo de informação, você pode sentir mais medo de adoecer e aquilo pode ser um efeito estressor. É fundamental ter atores no território para construir estratégias nesse sentido. Um exemplo foi a articulação com os comunicadores locais do DF para trocar informações, tirar dúvidas e pensar nas melhores estratégias.

Ed Alves/CB



Quais são as estratégias que a Fiocruz tem desenvolvido para melhorar a comunicação em saúde relacionado à pandemia?

Aqui no DF conseguimos lançar o Se Liga no Corona, para trocar estratégias de comunicação num podcast, disseminando informações com mais rapidez, em tempo real. Vimos que o podcast funcionou muito bem na divulgação da informação, então, adotamos outros caminhos, como em pequenos vídeos de um, dois minutos.

Essas informações têm se disseminado e promovido um interesse popular pela ciência:

isso a longo prazo pode ser interessante?

A ciência deu as respostas para garantir a produção de vacina e para seguirmos no desenvolvimento das estratégias não farmacológicas de proteção à saúde. Então, é uma questão de reconhecimento da importância da ciência, para seguirmos no desenvolvimento de práticas para promover a saúde.

Outro caminho que a Fiocruz Brasília atuou foi uma pesquisa mostrando os impactos da covid na saúde mental dos profissionais

da saúde: a que resultados vocês chegaram?

Foi uma parceria. A gente trabalhou com a Fiocruz do Mato Grosso do Sul, com o público do Centro-Oeste, e fizemos um levantamento com 231 trabalhadores da saúde em que localizamos 63% deles com transtornos de ansiedade. Em dois anos, esses profissionais sofreram impactos significativos, com burnout e sofrimento psíquico. Uma outra pesquisa aponta que os trabalhadores invisíveis da saúde (auxiliares administrativos, recepcionistas, maquiadores e outras funções) apresentaram 80% de desgaste emocional.

Em uma crise como a que estamos enfrentando, a saúde mental precisa ser cuidada porque as consequências seguem acontecendo: medo de adoecer e da perda do emprego, trabalho remoto e a morte de entes ou amigos. O Conselho Federal de Psicologia, o Conselho Regional de Psicologia, a Secretaria de Saúde, a UnB e a Fiocruz, lançamos juntos os 365 Dias de Saúde Mental, exatamente para podermos colocar essa agenda permanentemente nas nossas reflexões.

*Estagiário sob a supervisão de Layrce de Lima.